



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

A DANÇA DO VENTRE E O SNUJ

TÁRSILA ANIELY PEREIRA DE JESUS

ARACAJU

2023

TÁRSILA ANIELY PEREIRA DE JESUS

A DANÇA DO VENTRE E O SNUJ

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Orientadora: Profa. Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz

ARACAJU

2023

TÁRSILA ANIELY PEREIRA DE JESUS

A DANÇA DO VENTRE E O SNUJ

Artigo apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Aprovada em

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dra. Edna Maria do Nascimento
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Lino Daniel Evangelista Moura
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

ARACAJU

2023

AGRADECIMENTOS

A Deus e à espiritualidade por me permitirem concluir este ciclo tão desafiador e tão bonito.

À professora Clécia Queiroz, que me trouxe vários ensinamentos durante a graduação e orientou este trabalho com muita competência e gentileza.

Aos demais professores do curso de Dança: Bianca Bazzo, Jonas Karlos, Edna Maria, Lino Daniel, Marcelo Moacyr, Thábata Liparotti e Fernando Davidovitsch, que contribuíram de forma brilhante com a minha formação enquanto artista da dança e futura professora.

À minha amiga e irmã Nataly, que esteve ao meu lado desde que nos conhecemos na graduação, compartilhando nossas inseguranças e alegrias juntas.

Aos meus queridos colegas de turma, que caminharam comigo nesta jornada, fortaleceram o processo e me deram momentos inesquecíveis.

Aos meus grandes amigos da vida, que se fizeram presentes me apoiando verdadeiramente.

À professora Cecília Cavalcante, pela partilha acolhedora com a dança do ventre.

A todos aqueles que acreditam na minha dança.

A mim, por ter persistido no desejo de vivenciar, criar e compartilhar arte.

Dedico este trabalho aos meus pais Ricardo e Daniele, por seus esforços incansáveis e amor incondicional, desde o princípio, para que eu realizasse o meu sonho.

Ao meu pequeno irmão Henri, que desde cedo confia na minha arte.

À minha avó Zélia (*in memoriam*) por nunca ter deixado de acreditar na minha capacidade e por seus incentivos que ainda permanecem no meu coração.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma pesquisa sobre o snuj, instrumento de percussão utilizado na Dança do Ventre e no Estilo Tribal Americano de Dança do Ventre, desde as suas raízes históricas até a sua relação entre musicalidade e dança. O objetivo é evidenciar o uso do snuj na dança do ventre, elucidando suas características e utilização nessa prática artística e os mecanismos que levam as dançarinas a aproximarem o entendimento da musicalidade por ele exigido. A metodologia que utilizei é de natureza qualitativa, bibliográfica, videográfica e descritiva, tendo me apoiado, sobretudo, nas pesquisas de Cláudia Trevisan (2000) e Thamia Kuada (2014), e nas dissertações de mestrado dos autores Isabela Oliveira (2020), Tamiris Ferreira (2019) e Maria Beatriz Vasconcelos (2019). Espero que esta pesquisa possa contribuir com a produção de conhecimento sobre o snuj, estimular o interesse de outras pessoas pesquisadoras e/ou artistas por este instrumento que tem uma importância não apenas sonora, mas também estética.

Palavras Chave: Snuj. Dança do Ventre. Musicalidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONTEXTO HISTÓRICO DA DANÇA DO VENTRE	9
3. O SNUJ	11
3.1 O SNUJ NA DANÇA TRIBAL	14
4. O SNUJ E A MUSICALIDADE	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

A dança do ventre encanta a todos desde a antiguidade, sendo fonte de rituais ligados à religião, à fertilidade feminina e ao despertar da sensualidade do corpo, além de ser uma prática física, o que leva milhares de mulheres ao redor do mundo a se identificarem com sua beleza e os benefícios.

Diversas simbologias e objetos compõem as variações de estilos da dança do ventre: o véu, a espada e as velas são alguns deles. O snuj, apesar de não ser muito conhecido, é um instrumento repleto de significados e que é utilizado pela dançarina do ventre. Ele instiga nela alguns mecanismos para aprimorar sua performance.

Desde cedo tenho desenvoltura e apreço pela dança, estando sempre presente com ela em apresentações escolares e, mais tarde, participando de um grupo de Artes Cênicas da minha cidade. Pude visualizar a dança do ventre pela primeira vez quando tinha entre 8 e 9 anos de idade, em uma reprise da famosa novela “O Clone” da autora Glória Perez, que ajudou a difundir ainda mais o fenômeno no Brasil, e passei a ter grande paixão por ela.

Em 2019 ingressei no curso de Dança da Universidade Federal de Sergipe em busca de explorar definitivamente a minha conexão com a arte. Embora ainda não estivesse praticando de fato a dança do ventre, lembrei dela inúmeras vezes no decorrer dos anos e das vivências em alguns componentes curriculares. Finalmente, em 2023, passei a ter aulas no Portal Hanna Belly e concluí que a dança do ventre seria meu objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso que marca a finalização da graduação.

A dança do ventre me interessou por completo e ao assistir algumas apresentações em vídeo, o snuj me chamou a atenção pela forma que é incorporado à dança, criando sons que conversam com os movimentos. Isto foi suficiente para acender em mim o desejo de investigar o significado e o manuseio desse instrumento, assim como os mecanismos que levam as dançarinas a aprimorarem o entendimento da musicalidade por ele exigido.

Por conta deste interesse, realizei buscas nas escritas já produzidas no Brasil sobre a dança e não encontrei nenhuma pesquisa específica sobre o snuj. Desta forma, sinto a necessidade de colocá-lo em evidência para que exista um material que possa contribuir com a produção de conhecimento sobre o mesmo e para tentar entender a curiosidade ou dúvidas daqueles que também se interessam pelo assunto.

Este artigo, que marca a finalização do meu ciclo de graduação em licenciatura em Dança na UFS, tem como objetivo evidenciar o uso do snuj na dança do ventre, elucidando suas características e utilização nessa prática artística. Este estudo foi realizado a partir de leituras bibliográficas sobre o snuj, os ritmos musicais da dança do ventre e por apreciação de vídeos de performances e ensinamentos sobre o snuj. Me vali também de algumas informações compartilhadas pela professora de dança oriental e dançarina do Portal Hanna Belly, Cecília Cavalcante Vieira, conhecida como Cecília Cavalcante.

Quanto à sua estrutura, ela está composta de uma Introdução, três seções e as considerações finais. Na primeira sessão, me reporto ao contexto histórico da dança do ventre. Na segunda, trago informações sobre o simbolismo do snuj e sobre sua utilização na dança do ventre e na dança tribal. Na terceira e última seção, eu falo sobre a musicalidade do snuj e as formas de explorá-la na dança.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA DANÇA DO VENTRE

Antes de chegar ao centro desta investigação, é imprescindível trazer alguns aspectos do surgimento e história desta dança até os dias atuais. A origem da localidade e período temporal da dança do ventre é fruto de discussões e divide opiniões entre pesquisadores. Por exemplo, para Penna, a dança do ventre surgiu antes mesmo da civilização suméria. (PENNA apud KUSSUNOKI, 2010, p. 18). Já Mohamed diz que "Os primeiros indicativos de traços que podem ser considerados antecessores da dança do ventre foram encontrados nas pinturas e esculturas do Egito faraônico (..)" (apud TREVISAN, 2000, p. 22).

Quanto à finalidade que originou a dança do ventre, a teoria mais disseminada no imaginário popular e mais mencionada por alguns autores, como PENNA (1993) e KUADA (2014), está associada diretamente à ritos ligados à fertilidade feminina e à maternidade, onde mulheres sacerdotisas faziam reverências e pedidos às deusas ao movimentarem seus corpos de forma sinuosa dentro de templos. Inclusive, em diversas culturas a dança foi e ainda é utilizada como elemento essencial em celebrações de cunho religioso.

De acordo com Kuada,

Por possuir elementos corporais e sensuais femininos, acredita-se que sua origem seja ligada ao Período Matriarcal, desde o Neolítico, cujos movimentos revelam sensualidade, sendo sua forma primitiva considerada um ritual sagrado. A origem está relacionada aos cultos primitivos da Deusa Mãe, Grande Deusa ou Mãe Cósmica: provavelmente por este motivo, os homens eram excluídos do cerimonial. (KUADA, 2014, p. 5)

Acreditava-se não somente na fertilidade da mulher e da terra proporcionada pela deusa (TREVISAN, 2000, p. 22), como também no auxílio da divindade à mulher desde a gravidez até o parto. Assim, esses momentos ritualísticos dançantes também preparavam e fortaleciam o corpo feminino para dar à luz de uma forma mais tranquila e fácil.

Com confiança na Deusa, as mulheres se preparavam psicologicamente, e através da fé poderia resistir melhor tanto à gestação como ao parto. Conseguiram muito desta preparação concreta e física, pela prática da dança em oferenda à Mãe Sagrada, pois através da dança fortaleciam abdômen e pernas, e treinavam a respiração e movimentos ondulatórios da musculatura do baixo ventre. (KUSSUNOKI, 2010, p. 18)

Com o passar do tempo, alguns fatores levaram a uma reclusão temporária da dança do ventre e ao rebaixamento da figura feminina. Entre esses fatores está o surgimento do cristianismo, do islamismo e do judaísmo (TREVISAN, 2000, p. 34). Se antes as mulheres possuíam a mesma liberdade dos homens, agora elas estavam em posição de submissão e a dança estava limitada ao espaço de casa e de haréns.

Deste modo, a partir das leituras que fiz, entendo que a dança do ventre sofreu alterações ao longo de sua existência, principalmente a partir do final do século XVIII, já que segundo Leite (apud KUADA, 2014, p. 7), a dança começou a adquirir um formato mais próximo daquilo que se pratica atualmente a partir de maio de 1798, com a invasão de Napoleão Bonaparte ao Egito, incluindo o aparecimento do termo *danse du ventre*.

O termo posteriormente foi traduzido e popularizado na América do Norte como *bellydance* e ganhou outras traduções de acordo com o idioma de cada país. É uma pauta que hoje também gera debates sobre qual seria a forma correta de chamar a dança, que também foi chamada anteriormente de dança do oriente, e *raqs el sharqi* em árabe, que significa dança do leste.

De volta ao Egito, Napoleão foi responsável por exportar a dança do ventre para outros lugares, uma vez que as tropas francesas ficaram encantadas com as belas dançarinas que conheceram, que na ocasião se dividiam em duas castas: as Awalim e as Ghawazee. As Awalim eram artistas mais sofisticadas, enquanto as Ghawazee eram consideradas mais libertinas. Vejamos o que nos comenta Kuada (2014):

Neste período, os franceses encontraram duas castas de dançarinas. As Awalim (plural de Almeh), poetizas, instrumentistas, compositoras e cantoras, cortesãs de luxo da elite dominante, e que fugiram do Cairo assim que os estrangeiros chegaram; e as Ghawazee (plural de Ghazeya), dançarinas populares, ciganas - descendentes dos grupos de ciganos dumi (ou nawar) e helebi (os mais comuns no

Egito e na região do Levante), que passavam o tempo entretendo os soldados. (KUADA, 2014, p. 7)

Apesar de terem sido bem apreciadas pelas tropas francesas, muitas Ghawazee foram punidas com o exílio após terem descumprido regras instaladas pelo governo egípcio, sobretudo a da proibição de execução da dança, como nos conta Mohammed: “(..) o governante do Egito, Mohammed Alí, proibiu a dança do ventre em vias públicas. As mulheres que tentaram burlar essa proibição foram mandadas para Esna mas se espalharam por muitas outras cidades (...)” (apud, TREVISAN, 2000, p. 39).

Mas, voltaram ao trabalho anos depois, segundo KUADA (2014) “(...) Em 1866, a proibição é suspensa e as Ghawazee retornam ao Cairo (...)”. Essas mulheres foram importantes na história de resistência da dança do ventre, e tinham o snuj como um de seus instrumentos principais.

Quero chamar atenção também sobre uma dança que surgiu a partir da dança do ventre, no final da década de 60, e que utiliza o snuj como parte de seu repertório: A dança Tribal. Mesmo sem nomeação exata na época, ela se originou com a dançarina e professora Jamila Salimpour, sendo incorporada em seu grupo de dança (FERREIRA, 2019). No próximo tópico iremos conhecer o snuj, sua utilidade e simbologia e também me reportarei mais detalhadamente à dança tribal e sua criadora.

3. O SNUJ

O snuj, ou sagat em árabe, é um instrumento de percussão que pode ser tocado pela dançarina ou pelos músicos. Seu formato é de um prato pequeno, que é posicionado nas pontas dos dedos (polegar e dedo do meio) e preso por um elástico. São dois snujs para cada mão, podendo ser prateados, dourados, bronzeados, lisos ou com decorações.

Figura 1 - Snujs



Fonte: Lenços de Dança do Ventre

O snuj existe desde os rituais religiosos em louvor às deusas, sendo usado pelas sacerdotisas, como nos diz TREVISAN (2000, p. 30): “Nas mãos usavam os chalparas, dois pauzinhos de madeira para cada mão e, depois, os snujs, dois pratinhos de metal em cada mão.”. Também serviam como meio de afastar os espíritos ruins e contribuía para a purificação do ar, pois a crença era de que os instrumentos musicais possuíam esses tipos de poderes.

Ainda temos outros elementos simbólicos, como os instrumentos musicais, pois, acreditava-se na antiguidade, que a música servia como um purificador de ambiente, retirando os maus fluidos e devolvendo energia positiva ao lugar. Por isso, em rituais de celebração aos deuses, era comum que houvesse cânticos ou música instrumental. (PINTON, 2013, p. 7)

Já a professora Cecília Cavalcante Vieira (2023) disse-me que essa informação sobre o lado simbólico do snuj na antiguidade se deu a partir de outro instrumento: “Ele é uma evolução do sistro, que era muito usado nos rituais religiosos do Antigo Egito. Daí resultou na crença em algumas pessoas de que ele "purifica" o ambiente.”

Figura 2 - Nefertari segurando um sistro



Fonte: Wikipédia¹

Na dança do ventre, cinco elementos estão ligados a certos estilos: o fogo, ar, terra, água e o éter. A dança feita com snujs está associada a este último. Segundo Pinton (2013, p. 10) “O elemento éter é a união de todos os elementos da natureza a expressão. Dança com sinujs, címbalos ou sagat costumam representar o éter.” A partir dos trechos citados, compreendo o quão bonito é o simbolismo do snuj na dança.

As Ghawazee, dançarinas que mencionei no tópico anterior, utilizavam o snuj em suas apresentações, pois de acordo com Lane “cada bailarina tinha duas castanholas em cada mão, e o som que elas produziam era melhor do que castanholas de madeira e marfim.” (apud, ASSUNÇÃO, 2014, p. 29, 30)

Figura 3 – Ghawazee com snujs

¹ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistro>



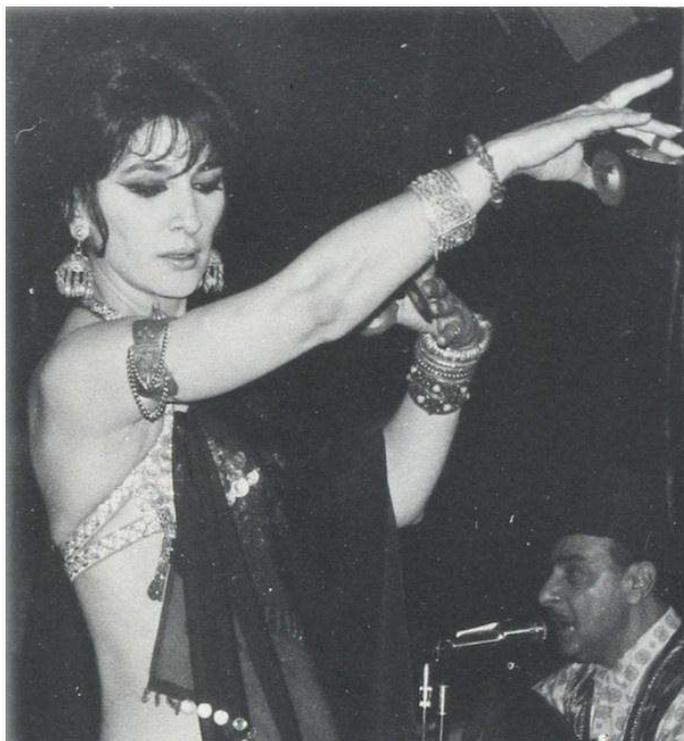
Fonte: David Roberts: Ghawazee of Cairo, 1864

3.1 O SNUJ NA DANÇA TRIBAL

Tendo encontrado poucas fontes na internet sobre o uso do snuj na dança do ventre, recorri a outros caminhos para encontrar mais informações, até que me deparei com uma dança que surgiu a partir da dança do ventre: A dança Tribal. Jamila Salimpour é considerada a responsável por dar vida ao que viria a ser este estilo de dança, embora ela mesma nunca tenha afirmado que essa era a intenção de seu trabalho.

A filha de Jamila, Shuhalia Salimpour, explicou que o objetivo de sua mãe era transmitir a dança do ventre vinculada ao estilo de cabaré egípcio (DJOUMAHNA, apud VASCONCELOS, 2019, p. 260). Jamila introduziu o uso do snuj em sua dança e o instrumento se tornou sua marca enquanto dançarina e depois uma das principais características do que viria a ser a dança Tribal.

Figura 4 - Jamila com snujs



Fonte: Coletivo Tribal

Sobretudo, é preciso entender quem é essa mulher. Nascida em 1926 e natural de New York, Jamila Salimpour iniciou a vida de artista muito cedo, quando adolescente ingressou em um circo onde realizava espetáculos como acrobata e dançarina. Seu pai, que era integrante da marinha, foi quem proporcionou a ela o primeiro contato com a arte oriental, mostrando-lhe músicas e movimentos de dançarinos, que ele conhecera em suas viagens de trabalho.

Ela passou a se inspirar nos filmes que retratavam a dança no ventre na Época de Ouro (Golden Era) do cinema, tendo as atrizes principais como suas referências na dança e começou a se apresentar com a dança oriental oficialmente em 1947, em um clube de Hollywood (VASCONCELOS, 2019, p. 248). Desde então, Jamilla passou a estudar e aprimorar os movimentos de sua dança, adicionando o *snuj* à cena.

Com o tempo, sua especialidade se tornou a dança com os *snujs*, instrumento musical composto por pequenos címbalos de metal, tocados com os dedos médios e polegar em ambas as mãos. Jamila executava sua performance utilizando seu cinturão de moedas juntamente com os *snujs*, ambos como instrumentos de percussão (...) (VASCONCELOS, 2019, p. 249)

Jamila exerceu um papel importante na dança do ventre, criou nomes para os passos, que aprendeu a fim de facilitar o ensino, e os repassou para seus alunos quando começou a

dar aulas. As suas nomenclaturas são utilizadas até hoje, como o *shimmie*², o básico egípcio³ e o oito maia.⁴ Com o snuj não foi diferente. Ela criou um manual específico para os sons produzidos, por este instrumento que, de acordo com Espinosa, continha uma fita para auxiliar no entendimento (ESPINOSA apud MACEDO, 2019, p. 16). Ainda, VASCONCELOS (2019) diz que “(...) Toda sua sistematização foi lançada anos mais tarde, em 1978, através do manual intitulado “Danse Orientale”. Aqui podemos notar a importância do snuj para Jamila.

Na década de 60, Jamila passou a ministrar aulas de dança do ventre, e então, precisou se apresentar em um festival com seus alunos; foi assim que surgiu o grupo de dança Bal Anat, que significa “deusa mãe”, e a performance foi o início da futura dança Tribal. O snuj já estava presente nesta apresentação junto a outros instrumentos, e permaneceu fazendo parte da dança.

O snuj seguiu sendo utilizado em outros segmentos da dança popularizada por Jamila, através de sua aluna Masha Archer e da aluna de Masha, Carolena Nericcio. Masha Archer também criou seu próprio grupo de dança, continuando na mesma linha de dança do ventre de sua professora, mas dessa vez adicionando o fator da improvisação às suas práticas. Segundo VASCONCELOS (2019) o grupo não elaborava coreografias, apenas improvisações guiadas que podiam ser feitas em qualquer espaço.

Embora Jamila e Masha tenham contribuído para a construção da dança Tribal, nenhuma das duas registrou o estilo como delas. Quem fez essa reivindicação foi Carolena Nericcio, mencionada no parágrafo acima, ao seguir os passos de Masha e criar o American Tribal Style® ou ATS®, em português, Estilo Tribal Americano, junto ao grupo Fat Chance Belly Dance®.

Nessa época, com o grupo Fat Chance Belly Dance (FCBD), de Carolena Nericcio, ocorre a sistematização da dança, nomeada American Tribal Style (ATS), sendo patenteada pelo grupo. Desse modo, apenas as bailarinas formadas pela Companhia Fat Chance Bellydance (FCBD) são legitimadas para dar aulas dessa dança. Carolena Nericcio deu nome aos movimentos criados, conferindo “senhas” a esses movimentos. (FERREIRA, 2018, p. 18)

² Movimento onde os joelhos são semiflexionados e “tremem” de maneira rápida, fazendo o tremido reverberar no quadril.

³ Com uma perna à frente do corpo e o pé em meia ponta com o joelho semiflexionado, o quadril (do mesmo lado da perna que está trabalhando) sobe, sendo desnivelado em relação ao outro quadril e desce, retornando à posição inicial.

⁴ Também conhecido como “oito para baixo”, os dois joelhos são semiflexionados, uma perna é estendida e o quadril sobe para ser empurrado para a lateral, criando uma ondulação e retornando à posição inicial. O mesmo acontece com a outra perna e o outro quadril, sendo executado um após o outro para desenhar um oito.

Este estilo de dança do ventre permanece com o improviso a partir de códigos para os movimentos. Quanto à música, o snuj é um elemento indispensável que não sai das mãos das dançarinas. FERREIRA (2019) diz que “Também fundamental para dançar o ATS são os snuj, instrumento que a bailarina toca enquanto dança.”

Figura 5 - ATS Belly Dance com snuj



Fonte: Wikipedia⁵

As dançarinas podem se dividir entre as que tocam o snuj ao fundo do espaço, herança de uma formação nas performances de Jamila, e as que dançam no centro e também tocam este instrumento, revezando suas posições no decorrer da dança. FERREIRA (2019) explica que “(...) elas ficam em formação de “coro”, organizadas em meia lua ao redor das bailarinas que estão dançando. Essas bailarinas tocam snuj para aquelas que dançam, esperando a sua vez de entrar no improviso.” O snuj não compõe somente a sonoridade, mas também complementa o visual da dança.

O ATS tem dois repertórios de dança: lento e rápido. Quando o repertório é rápido toca-se os snuj enquanto dança, e o ritmo principal tocado é o galope (ta-ca-ta-ta-ca-ta)⁹, no repertório lento a bailarina não toca, mas fica com os snuj posicionados nas mãos. Dessa forma, além de um instrumento, os snuj são acessórios que fazem parte da estética da dança. (FERREIRA, 2019, p. 19)

⁵ Disponível em [http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/American_Tribal_Style_\(ATS\)](http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/American_Tribal_Style_(ATS))

4. O SNUJ E A MUSICALIDADE

Agora que os aspectos históricos sobre a dança do ventre e o snuj foram comentados, é o momento de introduzir a ligação musical entre eles, traçando o caminho desde os ritmos existentes, às técnicas de aprendizado do instrumento e suas funcionalidades presentes na dança.

Inicialmente vou falar sobre a música árabe, cuja origem está na Antiguidade Oriental, onde ela se encontrava presente tanto nos rituais religiosos como nas vivências do cotidiano. A música árabe também se destaca por seu ritmo e melodia, segundo DIB (apud SOUSA, 2017, p. 22) “A música árabe pode ser feita com apenas uma voz; voz e percussão; voz e algum instrumento melódico; ou ser apenas instrumental. Mas de modo geral, ela é produto sonoro do revezamento destas possibilidades”.

De acordo com Oliveira:

Por não ser linear, a música árabe nos remete ao sistema modal em música cuja característica principal, de modo bem resumido e claro, é ter a presença de uma nota/eixo central em que as variações melódicas são realizadas. Por isso, esse sistema tem sua origem relacionada aos rituais que ocorreram há milhares de anos, em que a música e a dança baseavam-se na ideia de coletividade (...) (OLIVEIRA, 2020, p. 22)

Existem diversos instrumentos na música árabe: os que são usados para criar a melodia e os que são usados para criar o ritmo. O ritmo é de suma importância para a dançarina do ventre, e principalmente para utilizar o snuj. A lenda é que os ritmos árabes teriam surgido pela percepção das marchas de animais como o cavalo e o camelo (SOUSA, 2020, p. 24). A música árabe é composta por ritmos binários, quaternários, ritmos de seis tempos, ritmos de oito tempos e um ritmo de dez tempos. Vejamos:

Tabela 1

Ritmos binários	Laff ou Malfuf Ayubi Fallahi Soudi Karachi Fox, Focks ou Vox
-----------------	---

Fonte: Nilza Leão - Livro Ritmos Árabes

Tabela 2

Ritmos quaternários	Maksum Masmoudi Saghir Said Bambi Said Said de 5 Duns Wahda Bambi Rumba Masri Sombati Conga Masri Mugrabi Jerk ou Sherk Hatcha Jabalee Katakufti, Tabl ou Nawari
---------------------	--

Fonte: Nilza Leão - Livro Ritmos Árabes

Tabela 3

Ritmos de seis tempos	Darj, Darej ou Darj Sudassi
-----------------------	--------------------------------

Fonte: Nilza Leão - Livro Ritmos Árabes

Tabela 4

Ritmos de oito tempos	Masmoudi Kebir Masmoud Kebir de 3 Duns Tchiftetelli Wahda Wo Noz Zaff ou Zaffa
-----------------------	--

Fonte: Nilza Leão - Livro Ritmos Árabes

Tabela 5

Ritmo de dez tempos	Samaíl El Taquil
---------------------	------------------

Fonte: Nilza Leão - Livro Ritmos Árabes

As notas musicais utilizadas no ritmo da música árabe se dividem entre as que produzem sons graves e as que produzem sons agudos. Essas notas, segundo o músico Ives

Al Sahar, são o *dum*, *tak* e *ka* com variação em *sak*. (SAHAR apud OLIVEIRA, 2020, p. 32). Já Sousa (2017) diz que as principais notas são o *dum*, *tak* e *es*.

O *es* significa o silêncio da música, como explica Dib (apud SOUSA (2017, p. 25) “O ‘Dum’ diz respeito ao som grave; o ‘Tak’ refere-se ao som agudo; e o ‘es’ representa a pausa”. Essas notas são feitas por instrumentos de percussão, exatamente na categoria que o *snuj* se encaixa.

A notação *dum* geralmente indica sons graves e retumbantes quando golpeamos no centro do *derbake* ou, no caso do pandeiro, os dois címbalos de *snujs* ao mesmo tempo; a notação *tak* significa sons agudos e que soam nítidos ao serem tocados nas bordas do pandeiro ou do *derbake*, ou ao tocar levemente os *snujs* somente em uma mão – com os dedos da mão direita (dedo anelar, médio ou indicador). A notação *ka* diferencia-se da nota *tak*, pois se usa a mão esquerda para realizar ornamentos e floreios e com o dedo anelar. O *sak* substitui a nota *tak* e reproduz um som agudo parecido com um “estouro”, quando se é tocado na parte do centro com a mão côncava. (OLIVEIRA, 2020, p. 32)

Essas notas formam vários ritmos que foram mencionados nas tabelas acima. Deste modo podemos ver o quão rica a música árabe é e como a percussão é importante, Oliveira (2020, p. 32) diz que “Por conter uma ideia de sequência, os instrumentos percussivos dessa cultura carregam consigo contínuas possibilidades sonoras”. Já no Estilo Tribal Americano, existe um ritmo principal, segundo Ferreira (2019, p. 29), “O ATS tem dois repertórios de dança: lento e rápido. Quando o repertório é rápido toca-se os *snujs* enquanto dança, e o ritmo principal tocado é o galope (*ta-ca-ta-ta-ca-ta*) (...)”

Para tocar este instrumento é necessário que a dançarina saiba reconhecer os ritmos das músicas e essa percepção acontece ao treinar a escuta, estudando constantemente as músicas, não só relacionando aos movimentos do corpo, mas também desenvolvendo o pensamento nas marcações das notas musicais que podem ser feitas. A professora Cecília Cavalcante Vieira (2023) me trouxe a informação de que “Quando há o toque errado ou fora de tempo, por ele ser um instrumento extremamente agudo, a falha é facilmente capturada aos ouvidos, disciplinando o toque e também a dança dentro do ritmo.”

O *snuj* sempre vai ser utilizado com músicas agitadas. “É usado com ritmos mais alegres e agitados, embora existam casos excepcionais de pessoas que conseguem tocá-lo com um ritmo mais lento.” (OLIVEIRA, 2011, p. 36). É importante que os *snujs* não sejam tocados com força e fechados completamente para que o som não fique abafado, o correto é pressionar as extremidades e tocar de forma rápida (BANNOUT, 2016). Por isso, também se deve manter os músculos dos braços e das mãos relaxados.

Porém, abafar o som do snuj pode ser intencional na apresentação quando a música termina. Para isso, Cris Fairuza Bannout (2016) diz que o corte da reverberação do som pode ser feito colocando o dedo indicador entre os snuj ou encostá-los no corpo, servindo até como um charme na dança. Tocar este instrumento envolve um trabalho de coordenação motora, visto que alguns toques são feitos juntos pelas duas mãos ou separados e intercalados. Destros e canhotos podem tocá-lo, visto que a mão dominante será a mão de percussão e dará início aos toques (VENTRECLASS, 2016).

Dançar e tocar um instrumento ao mesmo tempo não é fácil e ter pressa para aprender a tocar o snuj pode resultar na confusão das notas e, conseqüentemente, em uma execução errada. O ideal é começar a praticar com poucos ritmos, isolando os braços e as mãos. A professora Cecília Cavalcante Vieira (2023) segue a determinada ordem em suas aulas: “Aprende-se a tocá-lo, desde um toque simples a combinações mais complexas. Aprende-se a acompanhar músicas tocando-o. Aprende-se a realizar alguns toques com os movimentos de dança. Junta-se o toque com movimentos de dança ao som de músicas.”

O snuj pode ser tocado em várias posições de braços de acordo com o desejo da dançarina, Cecília diz que “Ele serve como marcação do ritmo, mas a beleza dos snuj vem de quando se realiza floreios com eles, variações dentro da música ou do ritmo base.” Por isso, ele dinamiza a performance de um jeito fantástico, Cecília acrescenta que “Com certeza ele pode ser incorporado aos passos e movimentos de dança, por ele ser o mais leve e mais maneável instrumento percussivo que faz parte da cultura árabe e oriental.”

Por exemplo, ao meu ver, é muito bonito quando a dançarina está tocando o snuj e seu corpo realiza movimentos ondulatórios, pois é como ver dois momentos diferentes mesclados a um só. Além de que o seu som é bastante hipnótico, a sensação que me traz é a de um encantamento.

Diante de todos esses pontos trazidos neste tópico, é possível ver o quanto este instrumento é desafiador para a dançarina, pois exige concentração e trabalha a atenção na musicalidade, permite outras possibilidades para a apresentação da dançarina, e também é capaz de prender ainda mais a atenção do público.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei investigar o snuj, que é um instrumento que carrega um simbolismo importante e que entrelaça danças, assim como contribui na percepção musical da dançarina e diversifica a performance. Afinal, olhar para a dança é muito mais que notar

os passos, mas, perceber os outros elementos que estão presentes em sua composição e como eles se relacionam.

Por já ter um pouco de conhecimento sobre a dança do ventre, confesso ter ficado surpresa com o que aprendi sobre a dança tribal e sua relação com o snuj, que não deixa as mãos das dançarinas e que tem ligação com a dança do ventre. A sensação de hipnose que este instrumento me traz acontece nas duas danças.

Fiquei feliz em encontrar escritas a respeito das características históricas do snuj e também informações sobre como seu aprendizado é desenvolvido, pois tinha em mente que talvez não existissem tantos materiais, assim como vídeos de professoras que ensinam como tocá-lo e que dançam com ele. Acredito que consegui reunir muitas informações sobre ele, que juntas servem como um material um pouco mais direto acerca da sua funcionalidade e prática e que pode agregar com pesquisas de terceiros.

Quanto a essas escritas e aos vídeos assistidos que foram utilizados no trabalho, a maioria atendeu às minhas expectativas e me trouxe muito conhecimento sobre o assunto, ampliando as minhas observações. Contudo, penso que acompanhar e ter a prática do snuj pessoalmente poderia ter contribuído melhor com a pesquisa. Entretanto, ter recebido informações da professora Cecília Cavalcante me trouxe uma sensação de proximidade com este instrumento. Com certeza irei aprender a tocar a tocá-lo e irei aprofundar o conhecimento em um trabalho futuro.

FONTES

Fontes primárias

Comunicação Pessoal

VIEIRA, Cecília Cavalcante (Cecília Cavalcante). 18.set.2023.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Naiara Mussnich Rotta Gomes de. **Entre Ghawázee e Áwalim: A dança egípcia a partir da obra de Edward William Lane**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História. Porto Alegre. 2014.

BANNOUT, Cris Fairuza. FAIRUZA - Dança do Ventre - Tribal Fusion - ATS. **Snujs - Dicas 2 Fairuza**. - Youtube. 2016. Disponível em:

https://youtu.be/LDHSi_YQrxk?si=0jH19gpdKDsQTchE. Acesso em: 15/09/2023.

FERREIRA, Tamiris Aline. Tribal Brasil na Cidade: **Videodanças como processo de aprendizagem do curso de formação em Tribal Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Florianópolis. 2019.

KUADA, Thamia Yumi. **Raq̄s el Sharqi – A dança do ventre como arte**. 2014. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso. Tecnologia em Design Gráfico. Curitiba, 2014.

KUSSUNOKI, Sandra Aparecida Queiroz. **A dança e o ventre: Aparência corporal na contemporaneidade**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Ciências da Motricidade. Rio Claro. 2010.

LEÃO, Nilza. **Ritmos Árabes**. Ebook (44 p.). Disponível em: <https://nilzaleao.com.br/ritmos-arabes>. Acesso em: 15/09/2023.

OLIVEIRA, Eugênia Squeff de. **Dança do Ventre: técnica, expressão e significados. Uma etnografia nas Escolas de dança em Pelotas/RS**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2011.

OLIVEIRA, Isabela Moreira de. **Música árabe e sensibilização corporal na escola pública**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação Profissional em Artes. Fortaleza. 2020.

PINTON, Fabiana. **A correlação dos cinco elementos da natureza com os movimentos da dança do ventre: Um estudo de inspiração para a estamperia de lenços**. 2013. Monografia (Especialização) - Curso de especialização em design de estamperia. Santa Maria. 2013.

SOUSA, Thaís Coelho e. **Pisa no Dum: Os dispositivos na dança do ventre**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Dança. Salvador. 2017.

TREVISAN, Cláudia Simões. Dança do ventre: **Considerações sobre a sua história e o seu ensino**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação Física. Campinas. 2000.

VASCONCELOS, Maria Beatriz Ferreira. **Estilo Tribal Americano de Dança do Ventre: Algumas questões e princípios estéticos, técnicos e composicionais**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Dança. Salvador. 2019.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

Portais

VENTRECLASS. **Dança do Ventre - Aprendendo Snujs - Aula 1 (Destros e Canhotos)** - Youtube. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/ErAGbuerwkU?si=AnuwA9dsP2YjXiGk>. Acesso em: 15/09/2023.